

SOLENIDADE DE SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

01-01 de 2018

Pistas homilético-franciscanas

Liturgia da palavra: Nm 6,22-27; Sl 66; Gl 4,4-7; Lc 2,16-21

Tema-mensagem: Santa Maria Mãe de Deus

Sentimento: júbilo



Introdução

“Solenidade de Maria, Mãe de Deus!” É assim que a Igreja, hoje, dentro da oitava do Natal, expressa e celebra jubilosa a identidade mais profunda, misteriosa e encantadora, mas, também dramática de Maria. Com Maria, a Mãe de Jesus, a Mãe de Deus e, por extensão, nossa Mãe, a Mãe do Príncipe da Paz universal, temos também a graça de podermos, hoje, começar um novo ano civil.

1. Sempre iniciantes em busca do Princípio

O homem, porque nasceu um dia precisa aprender a nascer todos os dias, sempre de novo começar; ser sempre, até o fim, um iniciante, um neófito, um noviço como nos ensinou São Francisco, no fim de sua vida: “Meus irmãos, começemos a servir ao Senhor, porque até agora bem pouco fizemos” (1C 103). Tudo isto porque o homem é a única criatura que sente sede, saudade de seu Princípio, a única criatura que precisa captar e ser captado por ele. Pois, é neste Princípio que o homem encontra o seu fim, o seu destino, a sua consumação.

Nós cristãos somos agraciados com o saudável costume, aprendido desde crianças, de começar tudo o que fazemos invocando este Princípio expresso com o sinal da SS. Trindade: do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Prenúncio deste princípio encontramos na famosa bênção doada pelo Senhor ao povo de Israel, confiada ao sacerdote Aarão, através da mediação do profeta Moisés. Por três vezes é invocado *o nome do Senhor* sobre este povo (Nm 6, 22-27). Assim, a história sagrada nos recorda que no Princípio, na origem do Povo judaico, do povo cristão, no princípio de cada criatura, de cada acontecimento ou coisa está a bênção do Senhor.

São Francisco recorre a esta bênção em favor do angustiado Frei Leão, ovelhinha de Deus, um dos seus companheiros mais íntimos. É também dentro desta moção que São Francisco e os cristãos medievais tinham o costume de começar os seus escritos, muitas vezes, dizendo: “*In nomine Domini*” – “Em nome do Senhor!” ou “*In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*”. Por isso, hoje, nós também somos convidados a começar o ano de 2017 não somente evocando, mas também invocando sobre nós, sobre a humanidade toda, sobre sua história e sobre todas as criaturas a mesma bênção de paz que deu origem ao Povo de Israel do qual somos herdeiros, continuadores, responsáveis.

Toda bênção expressa e efetiva uma aproximação, um encontro entre Deus e sua criatura e vice-versa, criando um clima, um habitat de familiaridade, intimidade, paz, fraternidade, confiança e fé. Com a invocação do seu Nome, chamamos para perto de nós o seu Ser, isto é, sua presença, sua vigência misteriosa. E, com isso, o seu poder e a sua ação em nossas vidas. Por tudo

isso, vem muito a propósito a Igreja iniciar o novo ano, o dia da paz e da Fraternidade universal, e celebrar a solenidade de Maria Mãe de Deus com a proclamação da primitiva bênção de Aarão.

2. **Deram-lhe o nome de Jesus**

A plenitude, o sumo da bênção de Deus nos vem em seu Filho Jesus porque Ele é o próprio Deus-conosco, o “Emanuel”, assim decantada por São Paulo: “Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a bênção espiritual nos céus, em Cristo Jesus” (Ef 1,3).

Por isso, para nós o nome “Jesus” é tudo. É nosso caminho, nossa verdade, nossa vida. Disso souberam e provaram os cristãos do ocidente e do oriente. Os que escreveram sobre São Francisco, por exemplo, falavam de como o nome de Jesus era doce ao paladar espiritual desse Santo. Tomás de Celano, ao mostrar a devoção de Francisco para com a “Natividade do Menino Jesus”, faz questão de anotar como ele pronunciava este nome com singular afeto, “balbuciando doces palavras como uma criancinha”, e como, “para ele, esse nome (Jesus) era como um favo de mel na boca” dele (1C 86). Santa Joana D’Arc, por sua vez, quando ia se encaminhando para a fogueira não cessava de balbuciar “Jesus!”, “Jesus!”, “Jesus!”. No oriente, há toda uma tradição da invocação do Nome de Jesus. Num dos escritos desta tradição oriental lemos:

“O Nome de Jesus traz-nos mais do que sua presença. Jesus está presente em Seu Nome como um Salvador, porque a palavra “Jesus” significa isto: salvador ou salvação (...). À proporção que o Nome de Jesus cresce dentro de nós, crescemos no conhecimento dos divinos mistérios. O Santo Nome não é apenas um mistério de Salvação, nem a satisfação de nossas necessidades, o alívio das tentações, o perdão de nossos pecados. A invocação do Nome é também um meio de aplicar a nós o Mistério da Encarnação. É poderoso meio de união com Nosso Senhor. Estar unido a Cristo é maior bênção que estar em sua presença ou ser salvo por meio dele. A união é superior à presença e à meditação”[3].

Agora entendemos porque toda bênção é feita em nome de Jesus, por Ele e com Ele. Pois só por Ele é que podemos voltar ao nosso Princípio, a ser o que éramos em Deus, antes de existirmos. Na verdade, desde a criação do mundo, ou melhor, desde toda a eternidade, trazemos misteriosamente a sua marca, o seu sinal, a sua assinatura em nosso nome, em nosso ser. Portanto, além ou antes de cristãos somos todos “jesuínos”. Com sua bênção somos guardados por ele que nos põe “debaixo de suas asas” (Sl 56,2), nos protege como a menina de seus olhos, como suas pupilas tornando-nos com e como Ele os pupilos de Deus. Com a bênção que nos é dada em Jesus recebemos sua graça. Sua graça é seu bem-querer, sua alegria. Com sua bênção Ele nos revela e faz brilhar sobre nós seu rosto resplandecente, brilhante. E este resplendor é sua beleza, sua graciosidade, sua paz. Paz que é a plenitude dos bens da salvação, harmonia e concórdia com Deus, com a verdade mais profunda de nossa alma, com os homens, mesmo com os homens que não querem saber de paz. Paz que é unidade, a alma recolhida no seu fundo, serena, ali onde ela é una com Deus e una em Deus. Cristo, o filho de Maria, é o “Príncipe”, o Princípio, da Paz (cfr. Is 9,5). Ele é a nossa Paz (Mq 5,4).

3. Maria a “Theotokos”

Jesus é o Tudo não só para os cristãos, mas, também para todos os homens porque Nele, numa única pessoa, se realiza o mistério da unidade de Deus e homem, isto é, natureza divina e natureza humana. Trata-se do outrora (século IV) tão discutido e famoso mistério, dogma, da “união hipostática”. Este mistério significa que Jesus é uma única pessoa, portadora de duas naturezas, a divina e a humana, que, sem se confundirem, encontram-se unidas intimamente. Consequentemente, Maria, antes de tudo, comunga de corpo e alma, inteiramente, do mistério desta união sendo não simplesmente a mãe do homem Jesus, mas sim do Deus-homem, do Verbo encarnado, ou, como a saudou Isabel “Mãe do Senhor” (Lc 1, 43), verdadeira “Theotokos”, isto é, verdadeira genitora de Deus. Eis o título com o qual nós a saudamos hoje e em

todas as “Ave Marias”: “Mãe de Deus”. É o título mais nobre que uma mulher mortal poderia receber. Todos os seus outros títulos emanam dessa sua dignidade de mãe de Deus, “mãe do Senhor”. Segundo Santo *Efrém, o Sírio* (+ 373), com esse título, “*Theotokos*” (Mãe de Deus), a Igreja antiga quis manifestar para com ela toda a sua devoção, reverência e amor. Ouçamos como ele expressou este culto: “Mas, ó Virgem Senhora, imaculada Mãe de Deus, minha Senhora gloriosíssima, minha Senhora beneficentíssima, mais sublime do que o céu, muito mais pura do que os esplendores, os raios, os fulgores solares, ... Vara germinante daquele Aarão, vara que verdadeiramente apareceste, e mostraste a flor, o teu Filho, nosso Cristo verdadeiro, meu Deus e meu autor. Tu, segundo a carne, geraste o Deus e Verbo, antes do parto, servindo na virgindade, virgem permaneceste após o parto, e nós fomos reconciliados com Deus, o Cristo, teu filho!”.

4. **Bendita aquela que creu**

A encarnação do Verbo eterno do Pai no útero da Virgem Maria, porém, vem dentro de uma longa história de fé. Fé dos antigos Patriarcas, reis, profetas e milhares de outros servos e servas de Deus do Antigo Testamento. Maria é o resumo, o auge, a culminância desta fé. Assim, se ela pôde conceber em seu útero a Palavra eterna do Pai é porque ela já a havia concebido, desejado e amado antes na e pela fé. Foi o que reconheceu Isabel: “*Bendita aquela que creu que se cumprirá o que lhe foi dito da parte do Senhor*” (Lc 1, 45). E mesmo após o parto, passando pela perda e pelo encontro do Menino no Templo e culminando na Cruz, “teve” de continuar gerando-O na fé, pois em nenhuma razão humana encontrava explicação para suas respostas, gestos e atitudes.

Tratava-se, porém de uma fé que queria compreender e ser compreendida pelo mistério de que participava. Fé é, aqui, “participação na ação transcendente de Deus; não se trata de um ato de inteligência que capta Deus, mas de um ato de Deus que capta a nós; não se trata de conhecer a Deus, mas de ser conhecido por Deus” (P. Evdokimov). Maria participava do mistério da encarnação deixando-se compreender pelo incompreensível, deixando-se captar, fecundar,

pelo inapreensível. Por isso, ela recolhia todas as palavras que se tornavam acontecimentos, guardando-os em seu coração, isto é, em sua mente, procurando interpretar-lhes o sentido, como se tratassem de oráculos divinos, que o devir encarregaria de tornar inteligível. Ela se tornava, assim, a mãe do Verbo, não só carnalmente, mas espiritualmente. E nisso, nesta maternidade espiritual, estava a sua bênção, a sua bem-aventurança. Ora, Maria, a Mãe de Deus, no tocante a esta maternidade espiritual, é o princípio que proporciona a toda alma humana poder e dever também se tornar mãe do Verbo, gerando-o, pela graça da fé e da caridade, e pela disponibilidade atenta, que se põe em busca do sentido, se deixando conduzir sempre mais para a sombra mais que luminosa da deidade.

5. Mãe da Igreja

Costumamos argumentar que Maria se torna Mãe da Igreja quando no auge da Cruz Cristo dirigindo-se a ela e indicando o discípulo que ele amava, diz: “Mulher eis aí teu filho”, e depois dirigindo-se ao discípulo, diz: “Eis aí tua mãe!” (Jo 19,26-27). Mas, talvez, Jesus esteja dizendo que, agora sim, pela participação dela na paixão da Cruz, Maria consumara sua Maternidade: que agora sim Maria acabava de se tornar a verdadeira mãe Dele – Jesus – dele João e de todos quantos O seguirem.

Quem compreendeu bem esta exclamação foi São Francisco quando redigiu a seguinte saudação: *“Ave Domina, sancta Regina, sancta Dei genitrix Maria, quae es virgo Ecclesia facta”*, isto é: *“Salve, Senhora, santa Rainha, santa genitora de Deus, que és virgem feita Igreja”* (SVM).

Segundo esta saudação, Maria e a Igreja fundem-se na mesma alma, vocação e missão: a maternidade divina. Assim, quem vê Maria vê a Igreja e quem vê a Igreja vê Maria. Na maternidade de Maria a Igreja contempla e vive a sua maternidade. Na maternidade da Igreja Maria vê prolongar-se sua Maternidade divina.

Assim, o mistério da maternidade divina de Maria em vez de restringir-se apenas a ela, estende-se à toda a Igreja e a toda a humanidade, a toda a Terra.

Sim a “nossa irmã mãe terra” também participa deste mistério da maternidade divina gemendo em dores de parto (Cf. Rm 8,22). Sim, todos e todas as criaturas, somos chamados a ser, em Jesus, filhos de Maria e filhos de Deus, como também chamados a ser em Maria mães de Jesus. Maria, à medida que concebe e gera também é concebida e gerada. Assim, cada pessoa, cada povo tem sua Mãe Maria. Nós temos Nossa Senhora Aparecida, os franceses Nossa Senhora de Lourdes, os franciscanos Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula, “A Pequenininha”, “A Pobrezinha”, etc. O mesmo diga-se de Cristo. Ele será sempre o mesmo, mas gerado, acolhido e amado de modo diferente pelos africanos, brasileiros, franciscanos, jesuítas, etc. O que equivale dizer que cada povo ou nação gerará sempre o “seu” Cristo. Embora um em si e sempre o mesmo, um será o Cristo dos brasileiros, outro dos africanos, dos jesuítas, dos franciscanos, etc.

Tanto quanto a morte, também, concepção e nascimento é sempre um evento misterioso. Mistério da vida, em que criança e mãe são um. Em Maria, este mistério é ainda maior. Nela, segundo o Apocalipse, capítulo 12, a Mulher triunfa sobre a antiga serpente. A maternidade natural torna-se sobrenatural. A natureza é suplantada pela graça. Ou melhor: a graça subsume a natureza, elevando-a a um estado de nobreza e dignidade ainda maior do que o da primeira criação, pois agora o “Deus-conosco” é, também, o “Deus-com-ela”. Maria torna-se assim a Nova Eva (Mãe da vida e dos viventes) assim como Cristo, seu Filho, se tornou o Novo Adão. Deles devém a Nova Criação: o Natal do Novo Céu e da Nova Terra, a Paz e a Fraternidade universal.

6. A maternidade de Maria nos mistérios do Rosário

A disponibilidade da virgem Maria tornou-se maternidade fecunda sob a ação do Espírito Santo e da sua graça. A contemplação piedosa e devota deste mistério fez surgir no coração dos fiéis o tão conhecido e popular exercício do santo Rosário (Oração das Rosas). Na repetição das Ave Marias, agrupadas de dez em dez e cada vez em torno de um novo mistério o povo de Deus vai sendo conduzido para o interior sempre mais profundo deste único mistério: a Filiação

divina do Verbo Encarnado que vai se estendendo da Virgem Maria para todos os homens, para todo o Universo e para toda a história. Por isso, são mistérios de alegria, mas também de dor. Alegria e dor, porém que culminam e se consumam nos mistérios de glória e de luz. Por isso, também, os fiéis se unem à alma de Maria que engradece o Senhor e de seu espírito que exulta de alegria pela sua maternidade, ou melhor, pela misericórdia divina, que se estende de geração em geração e que na sua maternidade dá um sinal de uma inusitada fecundidade. Assim, os mistérios de glória, que já se consumaram em Maria, ainda hão de se consumir nos discípulos de Cristo, de quem Maria é também Mãe. Pois, “juntamente com o Espírito Santo, ela sempre está no meio do povo” (EG 284). Ela que soube gerar e cuidar de Jesus, “agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora se compadece dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo, exterminadas pelo poder humano” (LS 241).

Conclusão

“Hoje Deus fez maria sorrir porque ela deu à luz o sorriso de Deus, Jesus Cristo”

Como os pastores, nós também, terminada a oitava do Natal, voltemos jubilosos para as casas do nosso cotidiano de 2018 glorificando e louvando a Deus por ter-nos concedido a graça de ver, celebrar e testemunhar, mais uma vez, o Mistério divino-humano de Jesus e de Maria, a Mãe de Deus.

Por intercessão de Maria a Mãe de Deus, que durante todo este novo Ano:

“O Senhor te abençoe e te guarde!

O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face, e se compadeça de ti!

O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz” (Nm 6, 23-26).

Fraternalmente,

Marcos Aurélio Fernandes e Frei Dorvalino Fassini